

NO ESCURINHO DO CINEMA, NO CAMPINHO DE TERRA: UMA ABORDAGEM SOCIOESTILÍSTICA DA ADAPTAÇÃO DO ROMANCE *MENINOS DE KICHUTE*, DE MÁRCIO AMÉRICO, PARA O FILME HOMÔNIMO DE LUCA AMBERG

Jaime dos Reis Sant'Anna¹

O pontapé inicial: introdução

Esse trabalho inicia uma discussão acerca da linguagem do romance *Meninos de Kichute*, de Márcio Américo, de 2003, sobretudo no que tange à representação das variantes linguísticas da oralidade das crianças de uma comunidade pobre de Londrina-PR, no início dos anos 1970, para uma posterior comparação com a linguagem usada no filme homônimo de Luca Amberg, de 2010.

Para tanto, o estudo se fundamenta em uma dupla articulação teórica. O primeiro eixo diz respeito aos mecanismos intertextuais presentes no processo de transcrição do texto literário para o formato filme cinematográfico, a partir da teoria de Claude Bouchè, proposta em *Lautréamont: du lieu commun à la parodie*, elaborado inicialmente para ser empregada à literatura dramática, cujos postulados se aplicam também às transcrições para o cinema. Para o autor (BOUCHÈ, 1974, p. 50-56), o processo paródico ocorre a partir da aplicação de “mecanismos intertextuais transformadores dos elementos narrativos” do prototexto, evidenciando no hipertexto o que classificou de “jogo dinâmico de *supressão ou condensação, acréscimo ou ampliação, deslocamento, translocução e inversão* de cada elemento da narrativa”. Em outros termos, e à guisa de exemplificação, na adaptação do romance para o filme, personagens podem ser acrescidos ou suprimidos, podem ganhar intensidade, podem concentrar em um só idiossincrasias de vários, podem ter sua ação deslocada do início para o fim do enredo.

O segundo eixo teórico se refere à representação da oralidade em textos literários escritos, conforme exposto em *Sociolinguística: os níveis de fala*, de Dino Preti, na qual o autor discute como alguns expoentes da literatura brasileira procuraram “aproximar a língua literária da língua falada, no sentido de descobrir-lhe valores expressivos e originais” (PRETI, 1974, p. 33). O propósito inicial é identificar aspectos socioestilísticos presentes no romance, sobretudo, no que tange à representação das variantes linguísticas da oralidade, os diversos níveis de fala que refletem traços socioculturais determinantes e o calçado *kichute* como signo representativo da memória coletiva.

Por fim, apontaremos alguns aspectos concernentes à linguagem utilizada em dois episódios do romance de Américo, cotejando-a com as respectivas cenas do filme de Amberg: o primeiro é a sessão da matinê dominical do Cine Espacial, narrada no capítulo “brincando nos campos do senhor” e cuja adaptação ameniza o realismo grotesco das falas originais, optando pelo escapismo do protagonista; o outro episódio diz respeito à paixão pelo futebol, na rua ou no campinho de terra, narrado no capítulo “a pátria de kichutes”, em que fatores condicionadores da linguagem – como os cronotópicos, socioculturais ou situacionais – são utilizados ideologicamente para converter segregação social em amistosa confraternização.

Londrina de Kichutes: signos sociolinguísticos da memória da infância brasileira dos anos 1970

A história de *Meninos de Kichute* se passa quase toda na Rua Ivaí, número 449, na Vila Nova, bairro da região central de Londrina, para onde se muda a família do protagonista e

¹ Professor da Universidade Estadual de Londrina, Paraná. jsantann@hotmail.com

narrador Beto, então com seis anos. O ponto de ataque com o qual se inicia a narrativa é 1969, época em que ainda perduravam os pálidos resquícios da cultura cafeeira que fez a opulência de alguns, mas às custas da pobreza da maioria de uma população que se instalava na cidade, acentuando o processo de precarização habitacional de Londrina, como soer em quase todas as cidades brasileiras de porte médio e grande (ARIAS NETO, 2008, p. 183).

A nova casa alugada, não obstante a precariedade, era melhor que as anteriores: velha, de madeira carcomida, cheia de goteiras, tomada de baratas e percevejos, instalada num terreno ocupado por outras habitações que compartilhavam o mesmo inóspito banheiro; mas não tinha frestas indiscretas nas paredes e o piso tinha o luxo de não ser de terra batida. No entanto, o olhar infantil do protagonista capta o que a nova casa trazia de especial – e que se torna de vital importância para o desenvolvimento do enredo: “O que mais me chamou a atenção foi o enorme quintal nos fundos” (AMÉRICO, 2003, p. 21). Trata-se de um espaço tomado inicialmente apenas por bananeiras, mas do qual se ocuparão miticamente as crianças da Rua Ivaí:

O quintal era grande demais pra minha cabeça acostumada a casa do Parque Ouro Verde: ao fundo bananeiras que aos poucos foram transformando-se em selva, em rios, em inimigos mortais, e, finalmente, na sede do Clube Social Educativo e Esportivo Meninos de Kichute que contava, um ano após nossa mudança, com mais de 15 sócios com carteirinha e tudo. (AMÉRICO, 2003, p. 25).

O kichute, neste contexto, aparece como metonímia de uma geração. Diversos atletas profissionais relatam o uso deste calçado como signo representativo da infância dos anos 1970 e a paixão pelos esportes, sobretudo o futebol. Destaco, porém, a natureza sógnica social do Kichute em dois estudos acadêmicos. O primeiro, de Martins, intitulado “Uma reflexão a partir do rap ‘Vida Loka II’, do Racionais MC’s: valorização do jovem negro pelos signos de poder econômico”. Nele, autora destaca a valorização da autoestima, pela via do consumo, conforme foi traduzido musicalmente pelos Racionais MC’s. Se na letra do *rap* a autoestima se metaforiza nos carros de marca *Audi* e *Citroen* com os quais se fantasia passear no meio do “zé povinho” da periferia de São Paulo, no clipe dessa canção, produzido em 2004, um *flashback* nos reporta a 1983, dramatizando o conflito gerado pela humilhação sofrida por um adolescente que usa um par de Kichutes em contraste com o *status* de outros dois adolescentes que calçam tênis *All Star*.

O segundo estudo foi realizado no âmbito das pesquisas que resultaram no *Atlas Linguístico do Paraná*. Na pesquisa etnolinguística de Doiron e Aguilera, define-se o calçado de modelo Kichute como um

misto de tênis e chuteira, [que] foi lançado também pela São Paulo Alpargatas Company na década de 70, na esteira do tricampeonato de futebol conquistado pelo Brasil. De cor preta, o modelo, também feito de lona, como as *alpargatas*, mas com cravos de borracha e longos cadarços, alcançou grande popularidade entre os meninos, sendo usado, especialmente, para jogar futebol. [...]. De custo baixo, o Kichute era um calçado esportivo de preço acessível às classes menos privilegiadas (DOIRON & AGUILERA, 2014, p. 79, 82).

Não obstante ser voltado para a população pobre, como as crianças londrinenses de *Meninos de Kichute*, o produto buscava aproximar-se tanto da chuteira oficial dos tricampeões, como dos tênis importados, encarregando-se de fazer com que o kichute se parecesse com um produto estrangeiro. Para as linguistas, nos anos 1970,

era relativamente comum alguns produtos industrializados serem escritos com letras ditas estrangeiras. O emprego da letra “K”, bem como o “W” e o “Y” em marcas de fantasia, muitas vezes tinham por função remeter a palavras estrangeiras, sugerindo status e modernidade aos nomes de coisas e de pessoas (DOIRON & AGUILERA, 2014, p. 82).

Assim, ao mesmo tempo em que expressam a paixão pelo futebol de rua e a classe social de seus usuários, no romance de Márcio Américo os kichutes conotam marcas identitárias individuais, como orgulho, honra, fibra, virilidade, malandragem: “Nada como calçar um [kichute] novo, com seus cravos de borracha nos elevando do chão, dando a sensação de estarmos calçando uma chuteira Adidas” (AMÉRICO, 2003, p. 129). Mas era também uma espécie de identidade coletiva de um grupo específico de garotos da Vila Nova. No capítulo 9, o narrador registra que por meio de uma simples “observação empírica” se podia “facilmente identificar a procedência de um garoto apenas mirando seus pés; a ponto de se elaborar “um minucioso documento”, espécie de extrato psicossocial dos pés:

Tênis Adidas: rico, meio bundinha, não confiável, tem irmã bonita, ganha presentes de natal, bebe leite todo dia, escova os dentes.

Kichute: pobre, legal, confiável, às vezes tem irmã gostosinha, às vezes ganha presentinhos de natal, bebe leite, alguns escovam os dentes.

Chinelo Havaiana: muito pobre, desonesto, não confiável, não tem irmã e quando tem é meio vagabundinha, não ganha presentes de natal, só bebeu leite materno, nunca escova os dentes.

Descalço: miserável, esperto, nada confiável, tem irmã puta, rouba presentes de natal, já toma pinga e fuma, não tem dentes. (AMÉRICO, 2003, p. 130)

No escurinho do cinema, na paixão do campinho: a linguagem do romance e do filme *Meninos de Kichute*

Dois episódios, extraídos de capítulos com títulos intertextuais, ilustram o uso distinto da linguagem do romance e da sua transcrição para o cinema. O primeiro é a sessão da matinê dominical do Cine Espacial, na Rua Araguaia, cuja narrativa ocupa quase que integralmente o capítulo 12, intitulado “brincando nos campos do senhor” e que no filme tem a duração de apenas um minuto, de 38’15 até 39’25. No romance, a sessão de cinema exhibe um dos filmes de “Tarzan”, com a mocinha Jane e a macaca Cheeta; é o capítulo em que se acentuam a violência verbal das crianças e a compulsão à desordem. Para agredir fisicamente, atingem os demais com cuspes, catarros, urina; estabelecem território, xingam-se mutuamente com expressões chulas. Para produzir chistes, gritam comentários obscenos sobre o filme: “Morde a pica dele”; “Enfia o dedo no cu deste leão viado!”; “Passa a mão na bunda dela!”, “biscatonaaaaa!”, dentre outros (AMÉRICO, 2003, p. 188).

Nada, infelizmente, que não se ouça no pátio de uma escola de Ensino Básico dos dias atuais, ainda que, talvez, sem a mesma intensidade. Mas o registro dessa linguagem em livro, espécie de suporte sagrado do modo oficial de dizer o mundo, como bem afirmou Peter Hunt (2010, p. 208), gera reações, sobretudo porque “impresso ainda tem uma qualidade especial aos olhos de muita gente”, configura-se pornográfico, provocando restrições.

Na adaptação para o cinema, a manutenção dessa linguagem impediria a classificação de censura livre (obra destinada para toda a família). Provavelmente para atender a demandas mercadológicas, para além da condensação do episódio – mecanismo intertextual comum nesse tipo de migração dialógica – chama a atenção o tratamento dado para com a linguagem da cena.

A bagunça da turma se restringe à desorganização da fila de entrada, aos lançamentos de bolas de papel e pipoca na assistência e aos apupos estridentes. Com os primeiros acordes do arranjo de Waldir Calmon para a canção “Na cadência do samba”, de Luiz Bandeira, a indicar o início da projeção do emblemático cinejornal “Canal 100”, qual um *fiat lux* sagrado, instaura-se o silêncio numinoso na plateia e no espírito do protagonista. É quando a cena se constrói tendo o futebol como forma de escapismo, o sonho de criança materializado na tela grande.

O outro episódio diz respeito à rotina diária do futebol de rua ou no campinho de terra, sobretudo conforme narrado no capítulo 9, intitulado “a pátria de chuteiras”. Fatores condicionadores da linguagem oral, como os cronotópicos, os socioculturais ou os situacionais (PRETI, p. 21), estão presentes tanto nos episódios narrados no romance quanto no filme. Ainda que com maior profusão na obra literária, a linguagem em sua expressão falada se mantém com intensidade no filme, sobretudo nas cenas em que lida com a prática do futebol entre os meninos: time encardido e bando de rebas; cabeça de bagre; time com camisa e time sem camisa; cair de maduro; e agora, caga na mão e joga fora; esse não pega nem resfriado; Ôloooooooco; os capitães de time tiram no *já quem pô*; o Tarzan e bosta são a mesma coisa; tem prega é macho, não tem é capacho; “cinco vira, dez termina”.

O apito final: conclusão

No geral, entretanto, a linguagem obscena largamente usada pelos garotos no texto literário é eliminada do filme. Para se verificar isso, basta observar a maneira como se registra a oralidade de competência linguística popular no seguinte diálogo extraído do romance (eliminada no filme), no episódio em que os garotos se encontram no campinho para o futebol, uma fórmula de uso comum nos anos 1970: “Apresento o meu amigo / De onde (ou, de que terra) ele veio?”. As sequências, criativas, provocavam a honra do envolvido: “Da terra do arroz/ E o que que ele merece? A pica de nós dois” Ou a variante, de mesmo efeito: “Da terra do café/ E o que ele merece? A pica do Pelé” (AMÉRICO, 2003, p. 137-138).

No filme, as animosidades são pacificadas, rumo à idealização utópica. Numa das derradeiras cenas (90’15), acompanhados em *off* pelos versos “Este ano, quero paz no meu coração/ Quem quiser ter um amigo, que me dê a mão” (da canção “Marcas do que se foi”, executada por “Os Incríveis”, em disco de 1977), as crianças do Clube Meninos de Kichutes e as do adversário Time do Barriguinha se divertem juntas e amistosamente nas águas de um riacho, em pleno armistício. Formando agora um grupo coeso, sem rixas, a realidade dá lugar à idealização intensificada pelos versos da citada trilha sonora: “O tempo passa / E com ele caminhamos todos juntos”. A segregação social da Vila Nova é anulada momentaneamente, cedendo espaço à utopia possível, a qual se consolida por meio da referida técnica de *translocução*, condensadas pelas vozes de dois personagens – um de cada grupo/time – negando as divisões e imprimindo novas conotações sógnica: “Time do Barriguinha, Time dos Meninos de !?”. “De Conga, de chinelo, descalço, só não vou ser menino de chuteira” (90’25).

Referências

AMBERG, Lucas (diretor). **Meninos de Kichute**: o filme. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kRLORURGz5A>>. Acessado em: 25.08.2016.

AMÉRICO, Márcio. **Meninos de Kichute**. Londrina: Atrito Art Editorial, 2003.

ARIAS NETO, José Miguel. **O eldorado**: representações da política em Londrina, 1930/1975. 2. ed. ver. Londrina: EDUEL, 2008.

BOUCHÉ, Claude. **Lautréamont**: du lieu commun à la parodie. Paris: Larousse, 1974.

DOIRON, Maranhão Pereira Barbosa; AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Variantes** Lexicais para Alparagatas no Paraná e na Região Nordeste do Brasil: um estudo etnolinguístico. **SIGNUM**: Estudos da Linguagem, Londrina, n. 16/2, p. 67-99, dez. 2013

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e literatura infantil**. Trad. de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

MARTINS, Raquel M. Uma reflexão a partir do rap “Vida Loka II”, do Racionais MC’s: valorização do jovem negro pelos signos do poder econômico. **Música Popular em Revista**, Campinas, ano 2, v. 2, p. 151-175, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/muspop/article/download/127/267>>. Acesso em: 22.01.2016.